

*Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo*

Sophia de Mello Breyner Andersen

No CONTEXTO das celebrações dos 25 anos do 25 de Abril de 1974, mundialmente conhecido por «Revolução dos Cravos», a revista *Camões – Revista de Letras e Culturas Lusófonas* dedica-lhe, muito honrada, o seu quinto número.

O Instituto Camões, cónscio da importância desta efeméride – que já conquistou um lugar de destaque na História Contemporânea de Portugal –, não poderia deixar passar o quarto de século da instauração da Liberdade em Portugal sem organizar um conjunto de iniciativas que, por um lado, prestam homenagem aos corajosos militares de Abril – que assumiram o risco de empreender a tarefa libertadora da pátria – e, por outro, celebram a conquista da liberdade de expressão que eliminou a censura nos órgãos de comunicação social e em todos os segmentos da criação cultural, tornando possível uma explosão de criatividade que se manifesta em todos os campos, da Literatura à Música, das Artes Plásticas ao Cinema. Este conjunto de iniciativas culmina, pois, com a publicação deste número. A escolha da efeméride foi, no entanto, pensada sobre um prisma que optou, deliberadamente, por distanciar-se das comemorações oficiais, privilegiando, sobretudo, a reflexão acerca do que na cultura e na sociedade aconteceu antes e depois, ou o que atravessou estes 25 anos como legado para o qual essa data foi o ponto de viragem. Ao lançá-lo no final do segundo trimestre como estava previsto, sem antecipar a sua saída para Abril, e incluí-lo no programa das comemorações, quis o Instituto Camões deixar claro que a memória do «antes», o momento privilegiado que constituiu esse inesquecível dia de Abril de 1974, e o olhar para o passado caminhando com a Europa no mundo, deixou marcas indeléveis que se projectam no quotidiano de Portugal, na imagem do país no estrangeiro e nas relações com a Comunidade de Países que falam a língua de Camões, mas que igualmente permitiram um presente moderno e modelarmente democrático, representando uma referência fundamental de Portugal no século XX. A conquista da Liberdade permitiu, nomeadamente, a criação de uma nova imagem de Portugal, democrático e integrado na Comunidade Europeia, factores que favoreceram iniciativas de afirmação externa da cultura portuguesa nos grandes centros culturais do mundo.

É, também, por esse motivo que o Instituto Camões – organismo do Estado vocacionado para a promoção da Língua e Cultura Portuguesas no estrangeiro – pretende manifestar a sua gratidão aos militares de Abril, através da organização de um diversificado e amplo conjunto de iniciativas culturais.

O Movimento das Forças Armadas tinha sido criado a partir da iniciativa de dezenas de oficiais do quadro permanente, tendo rapidamente suscitado a adesão entusiástica de centenas de milicianos. O beco sem saída a que o Estado Novo havia conduzido o país – sem que se vislumbrassem quaisquer possibilidades de solução da Guerra Colonial – e o recrudescimento da actividade repressiva, após o rápido desvanecimento da tímida liberalização ensaiada por Marcello Caetano, tinham tornado a situação insustentável. Mas a generalidade dos portugueses tinha consciência de que vivia sob a tutela de um regime retrógrado que suprimia as liberdades públicas, recorria cada vez mais à polícia política e apresentava como perspectiva de futuro às jovens gerações a incorporação militar por longos períodos para prosseguir uma guerra que se eternizava. A ansia de libertação de um sistema político caduco, que impedia a livre expressão, impossibilitava a procura de soluções negociadas para o longo conflito em África e inviabilizava o desenvolvimento interno do país, ganhou crescente dinâmica no início da década de setenta.

Por todas estas razões não podia o Instituto Camões esquecer o grito de liberdade do cidadão comum, do português exilado, daquele que sobrevivia na clandestinidade, daquele que conspirava – nos jornais e nas revistas, nas associações estudantis ou profissionais, mas também às mesas dos cafés, apesar da repressão e da censura –, devolvendo-lhes essa voz. Mas igualmente não esqueceu nestas páginas aqueles cidadãos anónimos que pela primeira vez votaram, os que pintaram murais e os que imprimiram cartazes; nem aqueles, menos anónimos que, na música, na pintura, na fotografia, no teatro e no cinema, ilustraram estes anos de passagem. Na política, na historiografia, no jornalismo, mas também no quotidiano, procurámos obter testemunhos tão fiéis quanto distanciados, na medida do possível. Nas Letras, porém, preferimos o depoimento da poesia e de uma selecção de excertos literários sobre a literatura referente à Guerra colonial, que vale por si só.

É como uma viagem ao longo da História recente deste país, para a qual convidamos os leitores da nossa revista.

Jorge Couto



© JOÃO RIBEIRO